

ISERJ – 141 Anos



Nessa edição temos a comemoração dos 141 do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro. É um momento de muita alegria para todos os docentes e discentes dessa Instituição. **Pág. 2 e 7**



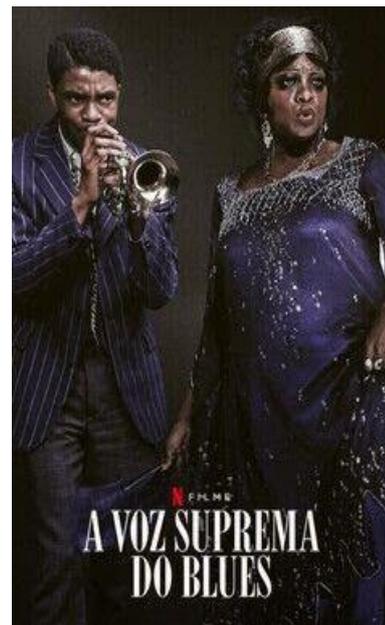
Nietzsche, Arendt e Lispector

Conhecemos também um pouco mais sobre Friedrich Nietzsche, Hannah Arendt e Clarice Lispector. **Pág. 3 e 4.**



O Tangará Esporte

Traz o Brasil no Handebol, garantindo vaga para as Olimpíadas de Tóquio e o Tangará Enxadrista, mostra as regras desse jogo cativante e instigante, além de desafiador. Você confere isso na **Pág. 6**



OSCAR 2021

A crítica feita ao filme ganhador do Oscar de melhor cabelo e maquiagem: A Voz Suprema do Blues, disponível na Netflix. **Pág. 9**



Caderno O Tangará Cultural: onde existe crítica a filme, contação de história, poesia e quadrinhos sobre “As aventuras do Jovem ET Republicano”
Pág. 9

Aniversário de 141 anos do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro

Considerado um símbolo de grande importância na educação pública do Rio de Janeiro, o Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (Iserj) completa 141 anos no dia 05 de abril de 2021.

Fundada em 1880, a tradicional instituição de ensino, hoje mantida pela Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC), localizada no bairro Maracanã, conta com um admirável espaço e um prédio principal em estilo neocolonial, oferecendo ao ambiente a conexão com seu glorioso passado.

A instituição remonta à Escola Normal da Corte, instituída pelo Imperador D. Pedro II, e que não possuía prédio próprio até 1930. A instauração da Instituição com sede na Rua Mariz e Barros se deu por influência de Anísio Teixeira, grande nome da educação brasileira, que considerava inaceitável que a formação de professores que se espalhariam por todo o Brasil não possuísse uma sede própria.

A Escola Normal da Corte só recebe o nome de Instituto de Educação em 19 de março de 1932, também por intermédio de Anísio Teixeira, e, somente em 1997, passa a se chamar Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro.



De 1932 a 1970, o Instituto foi considerado modelo de formação de professores, recebendo visitas de personalidades importantes de todo o mundo para conhecer o seu sistema educacional.

A queda do Instituto começa na década de 80, com a falta de interesse público no investimento em educação pública de qualidade, somada à entrada de um grande quantitativo de alunos, não havendo como conciliar quantidade e qualidade com os baixos investimentos, sofrendo inclusive cortes de serviços médicos e odontológicos, que antes eram oferecidos aos alunos. Somente em 1997 o Instituto inicia sua lenta

recuperação e passa a ter como mantenedora a FAETEC. Entretanto, ainda hoje é possível sentir as marcas do descalço sofrido a partir de 1980, principalmente por se tratar de uma referência da educação do Rio de Janeiro, que alcança alunos de localidades distantes.

O espaço conta com um teatro, Museu de História Natural, Laboratórios, Piscina, Salão Nobre, Biblioteca, Auditório, entre outras salas para atender à Educação Básica – Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio e EJA, e o Ensino Superior, Licenciatura em Pedagogia e Pós-graduação em Gestão Educacional Integrada.

Com uma equipe que soma qualidade, dedicação e amor à profissão, o Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro segue formando cidadãos que fazem parte do futuro da nossa nação.

Aos alunos, à equipe de professores e à equipe de apoio: o Jornal Tangará parabeniza pelos 141 anos de existência e resistência da educação pública de qualidade oferecida pelo Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro.

por Amanda Ferreira de Oliveira da Silva

Gratidão é um ato revolucionário!

Somos desafiados constantemente por situações, condições e pessoas. É comum passar por essas adversidades reclamando, o que significa que suplicamos insistentemente ao universo para dar continuidade ou que questões semelhantes se repitam. Dessa forma, a coluna Papo Raiz convida os leitores do jornal O Tangará para refletir sobre os benefícios de expressar a gratidão.

Observa-se que o ato de agradecer permite o desenvolvimento de uma mente voltada para os aspectos positivos da vida, os quais geram novos hábitos. De acordo com Paulo Freire, “Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se possa caminhar”. Portanto, nos tornamos gratos ao longo da caminhada. Assim, ser grato é uma decisão que precisa ser praticada em continuidade.

Segundo o site Opinião RH, tudo sobre gestão de pessoas, o reconhecimento das bênçãos presentes nas situações, condições e pessoas nos possibilita recomeçar, rever e ressignificar atitudes, pensamentos e comportamentos, pois ativa o “sistema de recompensa” do nosso cérebro, que é responsável pela sensação de bem-estar, prazer, satisfação e autoestima, devido à liberação do neurotransmissor chamado dopamina. Além dele, é disponibilizado no organismo o hormônio da ocitocina, reduzindo a ansiedade, as fobias, estimulando o afeto e reestabelecendo o estado de tranquilidade. Portanto, quanto mais expressamos a gratidão, mais reforçamos sua presença. Nesse contexto, em 1965, no Havá um grupo de diferentes nacionalidades se reuniu para agradecer a todas as bênçãos recebidas, a superação das adversidades e de-

sejarem um mundo melhor.

Assim, no ano seguinte, foi decretado o Dia Mundial da Gratidão. Vale ressaltar que a data também é celebrada nos Estados Unidos e no Canadá no mesmo Dia de Ação de Graças (Thanksgiving Day, em inglês), iniciado em 25 de novembro de 1921, em menção aos peregrinos do Primeiro Mundo pela colheita. No Brasil, o Dia da Gratidão é comemorado em 06 de Janeiro, coincidindo com a veneração aos Reis Magos e com o início de um novo ano o qual propicia um momento de agradecimento. **Por Daniela Guimarães Serafim**



Expediente

Editores: Luis Carlos de Morais Junior e Thayná Cordeiro

Redação e Reportagem: Mônica Macedo, Sabrina Guedes, Morgana Albuquerque, Thayná Cordeiro, Gabryel do Almo, Quézia da Rocha, Pedro Domingues, Daiane Paiva Moreira, Renata Brito e Julia Fernandes.

Monitores: Ronaldo de Sousa Santos e Amanda Ferreira de Oliveira da Silva

Professores colaboradores: Valéria Fernandes de Abreu, Luciana de Almeida e Renata Alves.

Editoração: Ronaldo de Sousa Santos

Realização: Coordenação de Extensão do Ensino Superior Iserj e Laboratório Multimídia



A teoria da vida ativa de Hannah Arendt na pandemia

Considerada por muitos como uma das filósofas mais importantes e polêmicas do século XX, Hannah Arendt buscou por meio de suas obras explicar a existência do totalitarismo e a condição humana do homem moderno. Dentro dessa condição humana explicitada por ela, existem três conceitos que compõem a teoria da vida ativa: o labor, o trabalho e a ação.

O trabalho é a atividade que marca a escravidão do homem, a qual ele precisa executar para conseguir sobreviver; o trabalho opera junto ao labor, que é exatamente aquilo que o ser humano precisa para se satisfazer e viver, como, por exemplo, a comida e a água. Se pararmos para analisar, essas duas ideias estão diretamente relacionadas com a pandemia, na qual a sociedade teve que parar os seus trabalhos e ficar em casa para conter a disseminação do vírus. Mas, como vimos, sem o trabalho não garantimos o nosso sustento, logo não conseguimos sobreviver. Entretanto, pelo bem comum, faz-se necessário colocar o labor na frente do trabalho, pois sem vida não há serviço. A sobrevivência passa a ser, então, o primeiro pilar da condição humana, ocasionando uma inversão de subsistência.

A partir desse princípio, cria-se uma necessidade de garantia do labor, que deve ser certificada pelo Estado. Porém, não é isso que vemos. O pensamento do lucro na visão de alguns políticos, infelizmente, é maior que o da vida, causando uma instabilidade de prioridades e não objetivando o futuro.

Baseado nisso, surge a necessidade do conceito de ação em Arendt. Segundo a filósofa, nós seres humanos somos os únicos capazes de botar algo novo no mundo, e, sendo assim, transformá-lo.

Portanto, devemos repensar nossa maneira de agir em relação à esfera pública, pressupondo aqui, o voto consciente. Na ação enxergamos a pluralidade, que é a diferença de cada um, suas diferentes necessidades. Logo, é indispensável que se criem políticas públicas que atendam a todas as pessoas e não só a um grupo social.

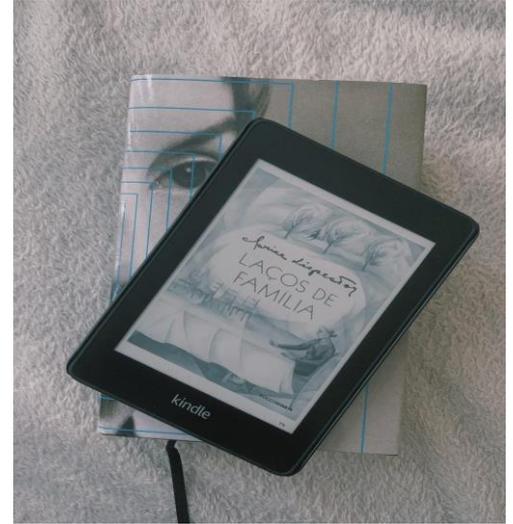
Por Thayná Cordeiro

Clarice Lispector e a necessidade de desconstruir as “Anas” da sociedade contemporânea

Clarice Lispector é considerada por muitos um dos grandes nomes da literatura brasileira, trazendo em sua narrativa simplista e poética uma originalidade carregada de situações que provocam no leitor um incômodo. Incômodo proposital. Incômodo necessário. Incômodo que nos faz pensar, questionar, desconstruir. E é exatamente nessa necessidade de escrever acerca do que vem sendo silenciado na sociedade, como forma de provocação questionadora, que surge a personagem Ana, fruto de Amor, conto presente em “Laços de Família”, com a finalidade de trazer a questão da condição da mulher no seio familiar. Ana é uma mulher que, ao longo da vida, buscou a estabilidade proporcionada pela vida familiar: filhos para criar, casa e marido para cuidar. Em prol de seu papel de esposa, mãe e dona de casa, ela silenciou seus sentimentos e abdicou de seu olhar sensível para o mundo em torno de si, atentando-se apenas à rotina maçante e repetitiva à qual já estava acostumada. Vivendo uma boa vida, em um apartamento próprio, com uma empregada para lhe auxiliar, a personagem, apesar de saber das múltiplas realidades de vida existentes, nunca havia se atentado para além da sua. As notícias do jornal eram rotineiras, as pessoas na rua eram como indivíduos sem rostos diante do seu olhar desatento, a vida corria sem que ela parecesse dar conta. Afinal, seus filhos estavam na escola e logo chegariam exigindo sua atenção, a casa necessitava estar em ordem, o jantar precisava estar pronto para quando seu marido chegasse do trabalho, faminto e cansado. A vida doméstica lhe exigia completa dedicação. Ana vê a estabilidade que tanto lutou para conquistar ser abalada ao, voltando das compras, observar um cego mascarando chicletes. Ele parecia provocá-la, exigindo dela uma consciência de si e do próximo. Ela é tomada por uma angústia dolorosa que a faz questionar como fora possível esquecer-se da existência de cegos. Havia mesmo esquecido? Quando isso ocorrerá? Não conseguia respostas para suas perturbações, estando tão escandalizada com a completa ciência de que existiam realidades diferentes, tomada pelo horror da hostilidade com que a vida corriqueira agora lhe passava diante aos olhos.

Desce no ponto errado, adentra no Jardim Botânico e o horror da vida continua a tomar conta de seu corpo, provocando-lhe questionamentos e uma consciência completa do ambiente em que está inserida.

Ao finalmente chegar em casa, seu coração não se acalma e o medo toma conta de si. Medo de perder os filhos, o marido, a vida à qual estava acostumada. Mas, e os outros? Ela estava carregada de piedade e culpa. O que poderia fazer? Necessitava auxiliar a empregada no jantar... logo seu marido, sua irmã, o cunhado e os sobrinhos chegariam para uma noite em família. À mesa, entre a conversa dos adultos e as risadas das crianças, Ana seguia com um sorriso amarelo, contrastando com a palidez que seu rosto adquirira, graças ao cego. Mesmo após a casa esvaziar-se e as crianças se deitarem, seu coração



permanecia pesado, cheio da hostilidade com que o mundo se apresentara naquele dia. Entretanto, ao toque e a fala do marido dizendo-lhe que já era hora de dormir, Ana deixa suas preocupações de lado e afasta-se da bondade que lhe tomara o coração, pronta para retornar a sua vida.

Ana não é uma personagem com um rosto definido. A construção de Clarice possui diversos rostos. Rostos reais, presentes na sociedade, rostos ignorantes da consciência de mundo. Rostos que esquecem de si em prol de uma vida que lhe foi dita como a ideal. Rostos que escondem sua infelicidade preenchendo o tempo com obrigações e contentando-se com pequenos momentos alegres que a vida lhe proporciona, tão acostumados com a realidade em que vivem, alienados pelo sentimento de vazio ocultado pelo espaço monótono que lhes fora dado.

Ana representa a realidade de diversas mulheres ainda presentes na sociedade contemporânea. Anseiam pela construção de um casamento sólido, que lhe proporcione a falsa estabilidade prometida. É o único destino que conhecem, não há espaço para questionar as suas vontades e tampouco para priorizar a sua felicidade. Felicidade essa que não existe, mas também não é requisitada. São submissas ao sistema familiar: são mães, donas de casa e esposas com excelência. São mulheres sem espaço para serem donas de si. Mulheres que são coordenadas pela voz da figura masculina que lhe trazem para a realidade quando questionam algo dizendo-lhes: “está tudo bem, é hora de dormir”.

Este é um cenário histórico, construído socialmente em um mundo movido pelo patriarcado. A contemporaneidade vem questionando e colocando à prova as certezas de uma possibilidade única para as mulheres que hoje podem escolher a própria vida: serão esposas? Serão mães? Trabalharão ou serão donas de casa? São donas de seus próprios caminhos. Essa é a consciência que se faz necessário disseminar. As possibilidades são múltiplas e é preciso viver priorizando a felicidade, porque já não há mais espaço para, assim como Ana, esconder a infelicidade.

Décadas atrás, esse questionamento se fazia absurdo.

O lado “psicólogo” de Friedrich Nietzsche

Os papéis eram bem demarcados e sólidos. Ao homem cabia o papel de provedor da família, à mulher os cuidados da casa, dos filhos e o zelo pelo marido. O casamento era uma certeza de desejo quase incontestável. Entretanto, essa solidez foi se tornando cada vez mais líquida, abrindo espaço para uma construção social de moldes plurais. O casamento se tornou uma possibilidade, não um desejo obrigatório. A mulher passou a ter a possibilidade de deixar o lar e reivindicar espaço em ambientes de trabalho antes exclusivamente masculinos. É necessário, porém, frisar que essa mudança de cenário não foi rápida e ainda não está concluída. A modernidade é líquida, fluida, sem espaço para definir uma configuração única. A mulher ainda luta por espaço, por igualdade e reconhecimento. A figura feminina moderna luta por algo que, nas palavras de Clarice, não possui nome, vai além da definição de liberdade. O caminho a ser percorrido para essa conquista ainda é longo e ainda há muitas Anas para descobrirem a felicidade de poder escolher seus destinos.

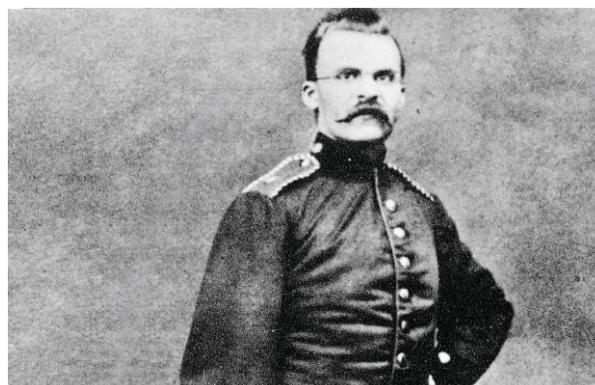
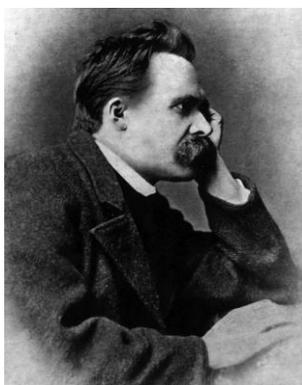
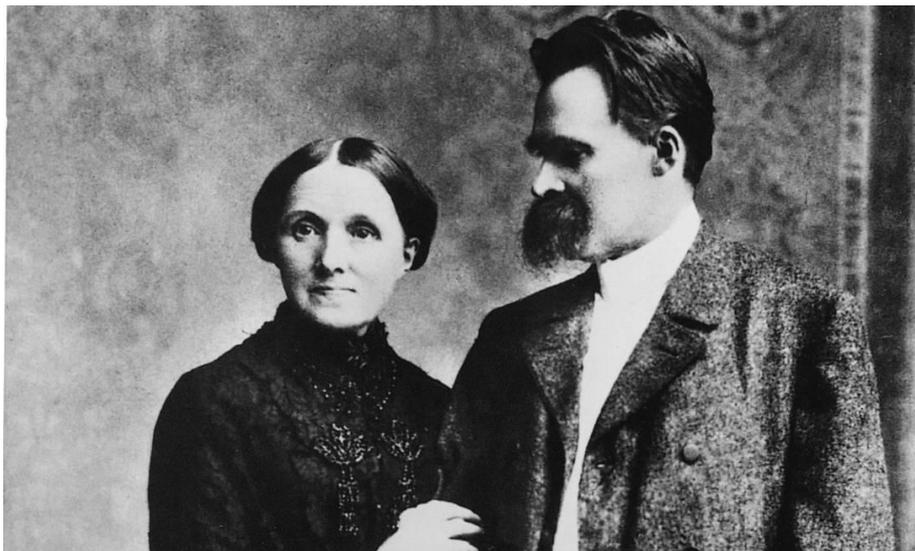
A produção clariciana é preenchida por significados que só podem ser desvendados por leitores dispostos a questionarem a si mesmos e ao mundo. Sua narrativa simples traz uma inquietação, ao identificar a realidade ali presente. Não é mais possível fechar os olhos, não se pode mais negar o que Clarice decide expor em suas palavras. Clarice denuncia, aponta, acusa... Ironicamente, Lispector só denuncia aos olhos sensíveis que precisam se tornarem mais atentos. A autora aborda de forma irônica e subliminar, talvez motivada pelo seu desejo pela liberdade. A literatura de Clarice provoca, faz questionar as maiores certezas do leitor, desconstrói o eu exterior e revela o íntimo. Ela toca feridas, fantasia realidades, idealiza medos, finalizando com uma aparente tentativa de apaziguar o desassossego provocado por sua narrativa: “E, se atravessara o amor e o seu inferno, penteava-se agora diante do espelho, por um instante sem nenhum mundo no coração. Antes de se deitar, como se apagassem uma vela, soprou a pequena flama do dia”.

por Amanda Ferreira



Famoso pelas suas duras críticas à Filosofia e à moral cristã, Friedrich Nietzsche, sem dúvida, possui uma importância ímpar para a história da Filosofia, revolucionando uma maneira de pensar muito diferente de diversos filósofos anteriores. Contudo, frequentemente são deixadas de lado outras contribuições desse pensador, como, por exemplo, o seu lado “psicólogo”. E sim, ele tem essa face bem presente em quase todas as suas obras.

No livro “O Nascimento da Tragédia”, Nietzsche introduz dois conceitos que serão muito importantes para a sua Filosofia: o apolíneo e o dionisíaco. Como já dizem os nomes, eles se referem a dois deuses da Mitologia Grega: o deus Apolo, que representa a beleza, a forma, a disciplina e o conhecimento; e o deus Dionísio, que representa a embriaguez, a metamorfose e o desregramento.



Segundo o filósofo, por mais que estivessem em constante briga, os dois causavam um certo equilíbrio, como se fossem dois “os opostos que se atraem”. É a partir dessas duas ideias, que começa a aflorar seu instinto “psicólogo”.

Desde já, o autor começa a investigar o porquê de tanto sofrimento e dor das pessoas. Segundo ele, isso começa a partir de Sócrates, que idealiza o conhecimento como algo superior à vida, fazendo com que ela não seja tão importante. Com base nisso, o lado apolíneo acabou derrubando o lado dionisíaco, que mantinha esse equilíbrio sobre as emoções e os sentimentos.

Como já foi dito, o deus Dionísio se metamorfoseava com bastante frequência, isso tudo por causa da deusa Hera, que o perseguia devido à traição de Zeus com uma humana chamada Sêmele, mãe de Dionísio.

Esse deus nunca reclamava de sua vida, a aceitava, mesmo sendo essa constante tragédia, e sempre se mutava, encarando assim a dor com alegria e uma forma de superação, a partir dessa constante mutação. Para Nietzsche, isso é a afirmação da vida, a negação da negação. Com isso, o filósofo propõe a ideia de que, com o lado apolíneo em constante dominação sobre o lado dionisíaco, o questionamento da vida se torna uma realidade. Por esse desregramento, as pessoas acabam ficando mais deprimidas, não buscando uma satisfação e um olhar de “aceitar” a sua tragédia, fazendo assim com que ela não seja um incessante motivo para viver.

Por Thayná Cordeiro

ESPECIAL

PARFOR

O que é esta possibilidade para os professores da Educação Básica pública?

Uns diriam, apenas um programa para a formação continuada de professores no Brasil. Mas o que procuramos entender é o que isto simboliza na prática para estes profissionais de educação.

Após a inscrição na extinta plataforma Paulo Freire no Ministério de educação, hoje chamada plataforma Capes de Educação Básica, os docentes precisam aguardar a licitação de concorrência em seus respectivos Estados, nas quais Universidades se candidatam, para receber este grupo de professores da Educação Básica em exercício no curso superior de Pedagogia.

Em vigor desde 2009, o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), abre todos os anos turmas especiais em cursos de licenciatura e em programas de segunda licenciatura, na modalidade presencial, exclusivas para educadores das redes públicas que não possuem formação superior na área em que atuam, conforme exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (MEC, 2015).

No ano de 2018, o Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro abriu portas para este programa em sua unidade educacional no bairro da Tijuca. O Iserj, assim conhecido popularmente, acolheu estes profissionais da educação em um formato diferenciado em seu currículo, didática e sua grade horária, para uma melhor experiência de ensino aprendizagem.

Uma curiosidade sobre este grupo de estudantes foi a luta pela conquista de estarem cursando a Universidade aos sábados no horário integral. Uma posição até antes não vista nas turmas anteriores deste programa. Devido ao deslocamento destes professores, após seus expedientes nas escolas, muitas vezes com dupla jornada e em locais distantes ao polo do curso, havia a necessidade de mudanças para se manter a turma matriculada e que não houvesse evasões por não conseguirem frequentar o curso de pedagogia regularmente. O grupo de discentes Parfor possui atualmente matriculados dezoito professores, com predominância feminina,

embora o único representante masculino da turma atual seja de muita importância para a sinergia dos alunos. Uma visão masculina sobre a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental é algo necessário para a quebra de paradigmas negativos que estes mesmos sofrem nas salas de aula de todo o país.

Outro aspecto relevante se trata da formação que estes profissionais buscam, o curso de Pedagogia se materializa na teorização em que muitos destes alunos/professores têm em suas práticas diárias. Este grupo tem por sua formação acadêmica básica o Curso Normal em nível médio em suas vivências, o que lhes permitiu ingressar nos concursos públicos na área de magistério em seus municípios.

Para além das expectativas acadêmicas, a financeira também está atrelada a esta concepção, pois as Secretarias Municipais e Estaduais de ensino do Rio de Janeiro contam com progressões salariais por enquadramento funcional, no qual o diploma superior de Pedagogia para estes professores é um grande aporte orçamentário, após a conclusão do curso superior.

Contudo, a oportunidade de estudar em um curso tão fundamental como a Pedagogia se torna preciosa para estes acadêmicos em muitos vieses, não só por terem suas especificidades respeitadas, assim como pela oportunidade de contribuir com os docentes em muitos relatos de experiências, em uma troca verdadeira de cotidianos educacionais.



PARFOR e pandemia: outras facetas

A turma PARFOR é composta por profissionais da educação, que exercem o magistério em diversos municípios do Estado do Rio de Janeiro. Por se tratar de uma turma diversificada em suas atribuições profissionais, devido às secretarias de ensino em que atuam, muitos cotidianos destes educandos divergem, por conta da inexistência de homogeneização do ensino público no Rio de Janeiro.

Na atualidade, vivemos ainda um cenário preocupante, por conta da pandemia do COVID-19, no qual professores e alunos estão reagindo a este impacto de pandemia mundial de diversas formas.

Como estudantes do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro, nos últimos dois semestres a permanência nos estudos foi assegurada pela plataforma Moodle de ensino para uma educação remota de qualidade. Anteriormente ao período da pandemia, esta turma já tinha acesso à mesma, nas disciplinas optativas à distância.

Foi permitida pela Universidade uma continuidade nesta mesma plataforma, aderindo as disciplinas presenciais para este ambiente virtual. Como todo e qualquer processo de flexibilização de ensino requer adaptabilidade, podemos assim dizer que os caminhos foram difíceis para atingir uma frequência completa naquele espaço.

Devemos, sem pormenores, entender que os alunos não apenas precisam do ambiente virtual oferecido pela instituição educacional, como também dos recursos individuais de cada aluno.

Estes recursos são: aparelhos eletrônicos, internet banda larga, dados móveis, espaço/memória em seus celulares para o uso de ferramentas e mídias sociais.

Uma via de mão dupla, que deve existir para que o ensino remoto atinja os devidos fins que lhe são propostos. Neste sentido, esbarramos inevitavelmente no processo de desigualdades sociais existentes para alunos e professores.

Se, por um lado, os alunos do PARFOR vivem a experiência diária da possibilidade de não trancamento de seu curso da Pedagogia, as suas realidades profissionais são bem diferentes, porque, como são professores da rede pública, seu público em grande maioria é afetado economicamente em seus meios familiares.

Com esta consideração sendo apontada, alguns professores da turma PARFOR estão vivenciando, desde o ano de 2020, o ensino à distância sem frequência dos alunos nas plataformas e aulas síncronas propostas, ocasionando um processo frustrante nesses guerreiros da educação.

Entretanto, alguns alunos da turma Parfor voltaram, em meio à pandemia, para suas funções na escola em que atuam, sem estarem devidamente vacinados pelo COVID-19. Nesta dicotomia educacional, temos o professor atuante em duas frentes: há aqueles que estão nos locais de trabalho com inúmeros medos e psicológicos abalados, que muitas das vezes perfazem o sentido burocrático do ensino, mais do que o humano; e há aqueles cujas casas se transformaram em verdadeiras salas de aula, com jornadas triplicadas de trabalho, sem retorno dos familiares e muitas das vezes sem interações com os alunos em sua grande maioria.

Contudo, percebemos que ambos os lados, seja professor ou aluno, se encontram naufragados em meio ao novo contexto educacional perante a pandemia, com expectativas similares do que é o ensino para cada um deles e por dias melhores nesta relação chamada ensino-escola.



Por Cláudia Tavares Cabral

Brasil tem boa atuação no Pré-olímpico e conquista vaga para Tóquio

Depois de sofrer uma série de desfalques, que custaram caro para o time brasileiro no Mundial de Handebol Masculino no Egito, o Brasil finalmente conseguiu retornar com tudo no pré-olímpico, no qual garantiu uma vaga disputadíssima para Tóquio. Os jogos não seriam nada fáceis para a seleção brasileira, que caiu no Torneio 1 junto com as equipes da Noruega, Coreia do Sul e Chile, a qual nos tirou da disputa do ouro no Pan-Americano de Lima em 2019.

Brasil x Noruega

O primeiro jogo seria um desafio para o Brasil. A Noruega, que possui uma das escolas de Handebol mais fortes da Europa, teve uma boa campanha no Mundial no Egito com cinco vitórias e apenas duas derrotas. Certamente, ela entraria não somente como a favorita contra o Brasil, mas também para conquistar a tão sonhada vaga para as Olimpíadas. A disputa começaria equilibrada para os dois lados, a seleção brasileira fez

um teste para cardíaco, mesmo já conhecendo os difíceis jogos contra a equipe chilena.

A seleção brasileira começaria muito mal a partida, ao contrário do jogo anterior, errávamos tudo. A defesa ficou completamente perdida nos ataques dos chilenos e dependia muito de jogadas individuais de seus armadores, um destaque para o armador esquerdo Leo Dutra, que finalizava muito bem no ataque.

No segundo tempo, parecia que era outra seleção em quadra. Finalmente conseguimos acertar na

defesa, que passou a ter mais mobilidade, barrando o ataque do Chile, que já não chegava na linha ofensiva, como no primeiro tempo. Vale um crédito para o goleiro Ferrugem, que parou várias bolas decisivas da equipe chilena. O placar acabou terminando no placar de 20x24 para o Brasil.

Sendo assim, com a Noruega em primeiro no grupo, que a seleção brasileira se classificaria em segundo lugar para os Jogos Olímpicos de Tóquio.

Por Thayná Cordeiro



bons ataques, principalmente nas pontas, além de estar segurando bem os ataques dos noruegueses. O defensor Thiagus Petrus fazia um belo jogo até aqui, mostrando o quanto fez falta no mundial, onde o Brasil sofreu demais na defesa, deixando espaços abertos e errando passes importantes.

Mas, a equipe verde e amarela não seguraria os ataques nórdicos por um longo período e acabou sendo dominada pela ofensiva norueguesa no segundo tempo. É nítido que, a parte física fez diferença nesse jogo, em que o Brasil sofreu com o desgaste. O placar terminou em 20x32 para Noruega.

Brasil x Coreia do Sul

Mesmo recém chegada de uma campanha não tão boa no mundial como o Brasil, a Coreia do Sul preocupava a nossa seleção, por conta de seus jogos velozes típicos dos times asiáticos. Além de ser um tudo ou nada para o Brasil, por causa

da vitória da Coreia sobre o Chile.

A partida começou interessante para os dois lados. Os guerreiros conseguiam bloquear os ataques coreanos com um 5 contra 1, que funcionou muito bem no primeiro tempo de jogo. Os pontas brasileiros faziam um belo trabalho no ataque, um destaque para o velho conhecido da torcida, Chiuffa, que conseguia se infiltrar facilmente na defesa coreana. A disputa seguiria vantajosa para o Brasil. Com a subida da defesa da Coreia, nossa seleção conseguia atacar com bolas de 9 metros certeiras. Sem muitas dificuldades no decorrer do jogo, o Brasil bateu a Coreia por 30x24. Uma clara evolução da equipe brasileira, errando pouco e acertando mais.

Brasil x Chile

O Brasil entraria com confiança para enfrentar o Chile, após a vitória contra a Coreia do Sul, e conquistar sua tão almejada vaga para Tóquio. Porém, mal sabíamos que o jogo seria

O Tangará Enxadrista As origens do xadrez e suas regras

Considerado por muitos como o esporte dos “gênios”, o xadrez apenas iniciou sua fama no século XV, quando pessoas começaram a se reunir em praças públicas para apostar dinheiro e até mesmo matar seus inimigos em uma partida. Mas, antes de adquirir esse lado violento, o jogo passou por diversas reformulações ao longo do tempo.

Segundo estudiosos, o esporte surgiu na Índia, sendo levado para os persas e logo depois para os muçulmanos. Antes de chegar no Ocidente com as Cruzadas, ele tinha uma roupagem totalmente diferente da que conhecemos hoje, com peças esculpidas da madeira que não possuíam nenhum tipo de significado. Com os contextos da

Idade Média e Idade Moderna, o jogo passou a ter um sentido religioso e bem definido. O rei ficaria ao lado da rainha no centro, dois bispos ficariam ao lado destes, dois cavaleiros com seus cavalos após os bispos e duas torres nas alas. Lembrando bem a hierarquia política da época.

Mesmo sendo um esporte muito antigo, A Federação Internacional de Xadrez só foi criada no início do século XX, trazendo torneios mundiais e competições ao redor do mundo. Vale ressaltar o machismo presente no esporte, uma vez que as competições femininas são desvalorizadas em relação às masculinas.



Regras do xadrez:

- O peão só pode andar duas casas para a frente em seu primeiro movimento, após isso só poderá andar uma casa para a frente ou capturar uma peça em sua diagonal, sendo essa jogada com uma casa também;
- As torres só poderão andar na horizontal e na vertical com um número ilimitado de casas para frente e para trás;
- Os bispos só poderão andar na diagonal com o número de casas também ilimitado para frente e para trás;
- A rainha poderá andar para todos os lados e quantas casas o jogador preferir;
- Com o cavalo, o movimento terá que ser em L, como se fosse uma casa para esquerda ou direita e mais duas casas para cima, isso também vale para as jogadas em horizontal com o L deitado;
- Por incrível que pareça, o rei não pode ser capturado, mas terá que sofrer um xeque-mate para acabar o jogo, que é quando o rei não possui mais fugas disponíveis;
- O rei só pode andar uma casa para qualquer lado do tabuleiro;
- O rei branco deverá ficar na casa preta e o preto na casa branca.

Atualmente, está sendo disputado o Torneio de Candidatos 2020/2021 na Rússia. Essa competição valerá uma vaga para a disputa do Campeonato Mundial de Xadrez com o norueguês Magnus Carlsen, campeão mundial do xadrez clássico desde 2013. E aí, quem se anima a jogar?

Por **Thayná Cordeiro**



O desfile das Escolas Eletrônicas

Iserj – uma história que se constitui há 141 anos

Nesse mês de abril, em especial, O Tangará traz para todos nós uma edição voltada para as comemorações de 141 anos de existência do Iserj.

Lembrar essa data é colocar em evidência a majestosa Casa do Saber e toda a sua importância política, histórica e cultural para a formação do professorado brasileiro. Não somente em 5 de abril, mas em inúmeros momentos significativos da história da educação do Brasil, o Iserj esteve com as portas abertas para o novo, para os desafios que sempre se apresentaram, se colocando na vanguarda das novidades, das grandes celebrações, festejos e, na comemoração de mais um ano de existência, não seria diferente. Porém, há mais de um ano, nos deparamos com uma realidade atípica de um aniversário. O imponente prédio tijucano, em estilo neocolonial, que sempre se mostrou de braços abertos para tudo e todos, vem se revelando de maneira diferenciada, com suas janelas e portas cerradas, numa atmosfera triste, que o estado pandêmico tem corroído muitas instituições e grupos de toda ordem.

Carlos era um cara normal, não especialmente tímido ou fraco, nem franco, mas como o comum dos seres humanos... se virava.

Diferente do Homem Aranha, que era um complexado e sofria bullying, ou do Super-homem, que era um E.T., isso sim, vamos abrir o jogo e falar claro, ou do Capitão América, um traumatizado de guerra, ou do Batman, um perturbado mental, ou do Homem de Ferro...

Etc., essa corja não acabava, nenhum era normal, nem quando era ser humano comum, muito menos quando era super-herói. O exemplo clássico é o Hulk, como poderiam chamar aquilo de herói?!?!?!?!?!?

Carlos não era vítima de nada, nem de si mesmo, só o que ele queria era ter as coisas que o faziam feliz, e ser feliz.

Estudar o suficiente pra garantir um B, tá bom. Fazer sua natação pra se manter em forma (hoje, ele como outros adolescentes, já ficavam com medo dos malefícios visíveis do sedentarismo, mesmo ainda na casa dos *teen*, igual a ele).

Comer muito hambúrguer e pizza, mas também as chatas saladas e verduras, pra ficar bem. Estar sempre up de grana, no seu caso, graças aos pais, que lhe garantiam uma inserção social legal.

Etc. e tal.

Por outro lado, que ele soubesse, nunca fora “picado por uma aranha radioativa”, aliás, não conhecia ninguém que o tivesse sido, ou caído num tanque de preparados químicos nocivos, ou exposto à radiação verde, que é essa joça?

tudo isso, nada disso, ele comia seus cachorros-quentes e tomava suas vitaminas, igual todo mundo, podia jurar que não era um mutante, mas...

Um belo dia acordou se sentindo diferente. Ele estava no primeiro ano da escola de Economia da UERJ, curso mal frequentado por meninas, mas sua instituição tinha uma coisa diferente: os andares eram todos ligados, e ele podia ir de um pra outro, o tempo todo, durante as aulas, que eram na real muito chatas e fáceis de compreender pra tirar nota depois. Ele sabia que não ia salvar a situação econômica do país mesmo, já que não poderiam salvar a do mundo, a entropia podia ser a maior furada na física, mas na dolorática (ciência da economia do dólar e do euro na era mega/contemporânea/lítica) era batata. E, como já dizia o velho mulato, “ao vencedor...”, você sabe!!

Ao vendedor, as baratas.

Pois então, não é que um dia ele voou?!?!?!?!?!? Não era galinha, super-herói, ET ou disco voador, mas voou, por acaso, sem querer... e ainda bem que o fez!!

Pois ele tinha ido ao décimo segundo andar da UERJ, e lá conhecera uma mulher que fazia Educação, que não era mais velha que ele, mas parecia uma senhora, uma rainha, uma maluca. Ela lhe deu papo. Seu nome: Heleonoca.

Ela, muito ousada, quis logo testar sua vontade de falar com ela:

– Tá bom, chatão do quinto andar, topo bater papo com você, mas... só se for lá – e apontou pra cima, sem ele saber ao que ela se referia. Queria pegar balão, dirigível, avião? Ele não acreditaria que nenhum dos dois pudesse voar. Sem anteparos.

Onde está a alegria de outrora com a magnitude das festas em que participávamos?

Pelo menos desde o ano passado, nossas mãos não se tocam para abraçar essa grande casa que sempre fez parte da história pessoal de cada um de nós.

Mas temos a certeza de que é na união de desejos que caminhamos com o coração saltitante pelo Iserj que resiste e se que constitui.

Isso! O desejo é um elemento muito importante nesse momento pelo qual todos passamos. É ele que nos revigora a memória como um combustível, nos impulsionando em investidas, tentativas de reinvenção na busca de ultrapassar os incômodos e as adversidades.

Temos no Iserj um grande repositório de ações, intenções que, ao longo desses anos, já nos conferiu transformações, se reinventando perante as demandas advindas de tantas vozes. Assim, nesse momento, não poderia ser diferente. Prova disso tem sido as inúmeras atividades digitais que ele vem construindo e sempre nos ofertando com algo diferenciado, irrequieto, promissor.

Suas resiliências frente a todos esses anos têm como objetivo avançar e continuar promovendo o conhecimento e assim, se propõe a olhar para si e com força, se reinventar mais uma vez.

Parabéns ao Iserj que, resistindo ao tempo, continua com as portas abertas em nosso imaginário, nos possibilitando ir para além do que a concretude da “realidade” nos coloca!!

por Sabrina Guedes e Mônica Macedo



– Carlos, então você é um super-homem!!!!!!!
– Nem eu sabia... estou confuso, Heleonoquinha... vem cá...

– Espera!!

– Que foi???

– Olha, vou te dar três testes. Se você passar, eu aceito três coisas. Você tem que comprar o pacote completo, agora. Você quer ser economista, mas eu já nasci econômica.

– Tudo bem. O que você me promete, se eu passar nas suas ridículas provas?

– 1) Voo com você (que me leva no colo, claro; sempre quis fazer isso que eu via dos filmes); 2) – ajudo você a se dar super bem com seus poderes (vou empresariar seu dom, bom, eu sei do que você precisa); e 3) caso com você.

Ele riu.

– Hmmmm, você é rápida.

– Super-heróis gostam de velocidade, objetividade e honestidade, eu sei isso também.

– Tá bom. Quais os testes?

– Escalonados: entortar e desentortar aquela barra de ferro ali, arrumar briga com um bando enorme de gorilas leite de rosa (filhinhos) e mudar a coisa que eu mais odeio nesse mundo.

– E o que seria?

– O desfile das escolas de samba do carnaval.

– Por quê? Pra quê? Com quê? Como? Como alguém pode fazer isso?

– Heleonoca lhe dá uma dupla resposta, meu rapaz: dá seu jeito, que eu te ensino.

Ele conseguiu mole mole torcer e distorcer a barra, só de brincadeira a transformou numa rama trançada com outra barra, e deixou assim; surrou um bando de bad boys que faziam faixa dan e o diabo a quatro de caratê kung fu tae kwon do e outros bichos, e eles saíram gritando fininho, chamando por mamãe!!

Mudar o carnaval foi mais difícil.

Ela simplesmente queria que ele acabasse pra sempre com aquela porcaria de desfile de samba (duas horas da mesma musiquinha de dois minutos repetida sem parar, ad nauseam, todas as músicas praticamente iguais, com letras débeis mentais, tudo a mil decibéis, todos rebolando sem cessar igual possessos do excesso).

Ele deveria transformar dali pra sempre o desfile num grande festival de música eletrônica. O sistema seria parecido: pobres trabalhariam o ano todo e fariam tudo; ricos, turistas e famosos apareceriam nos destaques da tv; as pessoas pagariam caro pra ficar sentadas vinte e nove horas em volta, ouvindo; as Escolas de Electro entrariam uma por uma, e correriam pela Passarela do Eletro, na cidade do Raio dos Jaqueiros, por uma hora e pico, apertada, fantasiados igual a basbaques, rindo e “tecnando”, ao invés de brazucamente sambando.

Bom... Carlos agora era um super herói.

Ele conseguiu fazer o que ela queria, e pra todo o sempre nosso querido Bruarjil teve no Carnaval o Maior Espetáculo dos Mundo Unidos: o sensacional desfile das

Escolas de Eletro Music (com letras em inglês, porque soa melhor).

Heleonoca então ficou com Carlos, e eles foram felizes para sempre.

Por Lui Morais.

O Superprocessador de Emoções do Aquecimento Global

Nossas Redes Sociais

Você já conhece nossas redes sociais? Então saiba que o Jornal O Tangará está presente no Facebook, no Instagram e no Youtube, com lives mensais.

Siga-nos!



@jornal_tangara



Jornal O Tangará ISERJ



Jornal O Tangará



Fantasia

Aqui toda hora pode ser hora de brincar ou meditar. Mas a gente ama uma conversa profunda! As árvores têm de tudo que é fruta. E todo mundo, todo mundo, pode comer. É lindo de ver a bagunça das pessoas comendo. A água é limpinha. Sem geosmina. Gostosa toda vida, de beber e de banhar.

Toda natureza é professora e bem cuidada. As plantas, os fungos e os animais ensinam de tudo. Dona Lagarta é uma delas. Essa senhora é uma filósofa! O Sol nos acorda todo dia com sua boa gargalhada. E à tarde chovem sementinhas de amor pra a gente plantar.

por Ana Luzir

(Ana Luzir faz Pedagogia no Iserj e é uma grande poeta, artista plástica, compositora e cantora. A arte que ilustra o texto foi feita por ela. Ah, e, também, é uma pessoa super do bem – vocês já sabem isso, pelo texto.)

O Tangará Cultural



Tangará Poético

A poesia

Como manter a sanidade mental
Em um momento insano?
O jeito é tentando
Mas o que podemos tentar?
Ou melhor resignificar
Devo lembrar, respirar!
Vamos nos acostumar com o novo normal
A vida vai criar um sentido
Não sei se será garantido
Então vai uma dica, seja apaixonal
Ame intensamente
Viva hoje
Amanhã? Seja resiliente!
Lembre-se, viver
O melhor jeito de ter, é ser
Conheça seu poder
Seja sua melhor versão
Fuja do padrão
Acredite em si
Cuide da sua mente
E siga em frente!

por **Andressa Cascardo**



Crítica:

A Voz Suprema do Blues

O filme indicado ao Oscar baseado na história real de Ma Rainey, *A Voz Suprema do Blues* (Ma Rainey's Black Bottom, 2020, direção de George C. Wolfe), traz críticas importantes e pertinentes para a nossa atualidade. Retratando muito bem o racismo e a segregação racial vivida por pessoas da época, *A Voz Suprema do Blues* tem altos e baixos em seu roteiro, mas quase sempre imperceptíveis, graças às atuações de Chadwick Boseman e Viola Davis. Quando o filme tenta entrar na história de Ma Rainey infelizmente peca, não mostrando a realidade vivida pela cantora, que sofreu diversas vezes com o racismo e sua orientação sexual. Pelo título do longa, há de supor que ele entre na vida da mesma, mostrando mais a inovação que a mãe do Blues trouxe à música e todo o seu legado.

Mas, se o filme erra no roteiro, Viola Davis o segura e entrega uma atuação magistral, expondo a mulher forte e decidida que era Ma Rainey. Pressupõe-se de início acharmos a cantora arrogante, porém, nada mais é do que a vida fez dela. Isso é visto, a partir dos relatos do filme, que é um ponto onde o roteiro acerta bastante, apresentando a história de vida de alguns dos personagens principais e coadjuvantes. O ator Chadwick Boseman também entrega uma bela atuação, principalmente em suas cenas finais. Por mais que as presenças dos coadjuvantes sejam necessárias em momentos da trama, não faz

sentido alguns personagens serem inseridos ali, como, por exemplo, a namorada de Ma Rainey, que supostamente foi inventada para o filme. Pretende-se que a função de um coadjuvante seja dar suporte aos atores principais, coisa que não acontece aqui, pois o enredo simplesmente não explora alguns personagens, nos quais poderiam agregar bastante no contexto do filme. O longa-metragem acerta no jogo de lentes das câmeras e na estética. No momento em que um personagem é colocado contra a “parede” por determinada situação, a câmera se aproxima e dá um enfoque no rosto do mesmo, produzindo assim uma emoção a mais nas cenas. *A Voz Suprema do Blues* possui uma aparência digna de Oscar, Viola Davis é quase irreconhecível na pele de Ma Rainey, além do visual mostrado em cenas gravadas na rua. Pode-se questionar a estética pós-moderna adotada pelo diretor George C. Wolfe, mas há que reconhecer que o próprio pós-moderno já construiu uma tradição, e, ao assistir *A Voz Suprema do Blues*, não podemos deixar de relacionar este filme, realizado no ano de 2020, com o drama cinematográfico *Ragtime* (que no Brasil foi chamado *Na Época do Ragtime*), lançado em 1981, dirigido por Miloš Forman. O filme, que tem roteiro de Michael Weller e é baseado no romance *Ragtime*, do escritor Edgar Lawrence Doctorow, traz bem marcadas as características da narrativa pós-moderna, que tanto desagradam como podem agradar ao espectador.

A Voz Suprema do Blues também compartilha dessa forma, na multiplicidade de narrativas fragmentárias justapostas, na seriedade misturada com um gosto de pastiche e na mistura inextrincável que faz entre fatos históricos e ficção, além de mesclar o tempo todo humor e um tom de paródia com o trágico. Outro elemento que aproxima os dois filmes é o protagonismo dos músicos negros, em Miloš Forman o pianista, ficcional, que sofre a violência do racismo; no caso de George C. Wolfe, a cantora clássica do blues Ma Rainey, que mostra uma força indescritível na denúncia da hipocrisia e dos desmandos desse mesmo racismo. A cena final, quando a música do compositor negro é “branqueada” para vender e render muito mais, e o verdadeiro autor quase



A menina Valente

Era uma vez uma menina muito tímida. Ela era tão tímida, tão tímida, que quase não falava. Seu nome era Valentina. A menina estudava em um colégio de um bairro muito humilde e tinha muita dificuldade para lidar com as outras crianças. Ela não sabia como falar ou o que fazer quando estava com os colegas, sempre evitava olhar diretamente para eles e se irritava com facilidade quando faziam muito barulho. Os colegas não entendiam o porquê de a menina ficar tão nervosa, riam e faziam maldades com ela. Em casa, Valentina era quase esquecida. A mãe não se importava muito com a garota; toda a atenção estava voltada para a sua outra filha, Sara. Todos diziam que a irmã da menina era muito inteligente e que tocava piano de uma forma angelical. Em Valentina, não viam nenhuma qualidade.

Tia Marta, uma senhora muito rabugenta que trabalhava no colégio há muitos anos, era responsável por ajudar todas as crianças que eram tão tímidas quanto Valentina. A senhora era tão rabugenta que não tinha paciência com as crianças e, de todas elas, a que ela menos gostava era a menina Valentina. Certo dia, chegou ao colégio uma moça que ajudaria Tia Marta. Helena era uma jovem muito amorosa e que adorava crianças. A jovem conheceu a garotinha no mesmo dia em que chegou ao colégio e se encantou pela menina. Tia Marta, vendo o carinho que ela demonstrava ao olhar para a criança, disse: “Helena, não se engane. Essa menina não tem nada a oferecer. Nenhuma qualidade é encontrada nela”. Helena, chocada com as palavras da mulher, respondeu-lhe no mesmo instante: “Ora, todos possuem alguma qualidade. Se enxergas esse anjo dessa forma, deixe-me cuidar dela”. E assim foi feito, Helena se tornou responsável pela menina. Em poucos dias a moça acompanhou tudo o que Valentina passava naquele lugar e se indignou. As crianças riam e excluíam a garotinha; Tia Marta pouco se importava. A jovem jurou então que conseguiria mostrar a todos que a menina era encantadora e que qualidades não lhe faltavam. Ela tentou por vezes se aproximar da menina, mas não conseguia. Levou doces, tentava trazer músicas, desenhos, jogos... nada funcionava. Valentina se fechava, não a olhava nos olhos e tampouco se comunicava com Helena. Tia Marta, observando todas as tentativas falhas da moça, ria e pensava: “tola, jamais achará qualquer coisa que essa menina seja capaz de fazer”. Já se sentindo frustrada, a moça decidiu observar a menina sem interagir de fato com ela, enquanto não descobrisse algo que a ajudasse a se aproximar.

Dias depois, enquanto as crianças brincavam no pátio da escola, Helena percebeu que Valentina estava, como sempre, isolada em uma mesa no fim do pátio com um caderninho e um estojo repleto de lápis de cores. Helena se aproximou, tentando ver o que a menina estava fazendo e se chocou ao ver que ela desenhava maravilhosamente bem. A menina não tinha percebido a aproximação da jovem, tão concentrada como estava, até ouvir a voz doce e carinhosa que já estava acostumada a escutar há algumas semanas: “Valentina, que lindo o seu desenho. Eu posso vê-lo melhor?”. Ainda sem olhá-la, a menina estendeu o caderninho e Helena viu todas as folhas já completas de desenhos com traços tão perfeitos quanto poderiam ser.

Ouviu então a voz baixa e desanimada da menina, que ainda evitava olhá-la: “Não é nada demais, são desenhos bobos”. Helena se abaixou, fazendo com que a menina a olhasse, e disse que os desenhos eram incríveis, não eram bobos, arrancando um sorriso da menina.

No dia seguinte Helena deu a ela um novo caderninho que em poucos dias já estava repleto com os desenhos mais lindos que já havia visto. Ganhou da menina outros sorrisos tímidos e ao final daquela semana a ouviu chamá-la: “Tia Helena, eu fiz para você”. Um desenho somente para ela. A menina havia desenhado o seu rosto com traços tão perfeitos em uma caricatura tão bela. A jovem agradeceu, demonstrando o quanto havia amado o desenho, deixando a garotinha muito feliz.

Dias depois, a professora de Valentina anunciou que fariam um show de talentos e que as crianças que quisessem participar deveriam anotar seus nomes em um bloquinho que estava em sua mesa. Helena observou que a menina havia parado de desenhar e estava ouvindo, ainda que não olhasse para professora. “Valentina, você quer participar?”, perguntou a moça. Em resposta, a menina balançou a cabeça e murmurou baixinho: “Não, eu não tenho talento algum”. A menina já estava tão acostumada a ouvir palavras tão cruéis quanto essa que passou a acreditar. Helena, inconformada com a situação da menina, disse: “Ora, não diga isso. Olhe só para os seus desenhos. Eu jamais poderia fazer algo tão belo assim. Você poderia trazê-los para o show de talentos. Aposto que todos iriam adorar”. A menina levantou lentamente a cabeça e a olhou por poucos instantes, tempo suficiente para que Helena visse a esperança brilhar nos olhos da garotinha enquanto ela falava bem baixinho: “Você acha?”. Helena confirmou com um sorriso carinhoso, tinha finalmente encontrado uma forma de mostrar o quão incrível a menina era. A moça se levantou e caminhou em direção à mesa da professora, anotando o nome da garotinha no bloquinho. A professora a olhou e disse: “essa menina não tem talento algum.” Helena a olhou e sorriu. “Você se surpreenderá com o talento dessa menininha”.

No dia seguinte, Helena chegou mais cedo. Estava ansiosa para a surpresa que havia preparado para a garotinha. No intervalo, Helena levou Valentina para uma sala que sempre estava vazia. Os olhos da menina brilharam ao ver uma tela, várias tintas e pincéis. “Eu pensei que poderíamos tentar algo novo. O que você acha de pintar algo na tela?”, Helena questionou. Não ouviu nenhuma resposta, mas no instante seguinte a menina já estava abrindo as tintas e começando a pintar. Fazia desenhos tão belos quanto os desenhos que havia feito no caderninho.

Os dias se passaram e Valentina continuava a pintar outras telas, sempre observada pelos olhos da moça que prometera ajudá-la. Finalmente havia chegado o dia do show de talentos. Helena procurou a menina por toda a escola e não a encontrava. Pensou que poderia estar na sala vazia, e estava certa. Lá estava a menina, encolhida em um canto com as tintas em volta e o caderninho abraçado ao corpo. “Ei, o que está fazendo aqui? O show já vai começar.” A menina soluçou e murmurou: “Não posso fazer isso, Tia Helena. Todos irão me ver, vão rir de mim”

Crítica: A Voz Suprema do Blues (cont.)

nada ganha com isso, tanto é um fato histórico amplamente documentado, que nos faz pensar na música do século XX, do jazz ao rock, e, no Brasil, do chorinho ao samba, quanto é uma imagem poética avassaladora da situação desamparada do artista, ou melhor, do ser humano.

Resumidamente, A Voz Suprema do Blues é um filme mais do mesmo, que traz questões importantes como o racismo, mas que não busca inovar e não nos traz uma sensação de “quero mais”. Vale a pena assistir pelas atuações do filme e pela crítica feita à música e sua apropriação cultural no século XX.

por **Thayná Cordeiro e Lui Moraes**

O desespero da menina lhe doía o coração. “Ninguém irá rir de você, eu estarei ao seu lado. Você é a menina mais forte que eu já conheci. Valente: é assim que irei te chamar a partir de agora”, Helena disse com o tom mais carinhoso que a menina já ouvira em toda a sua vida. Realmente, ela era como uma fada madrinha das historinhas que ouvira quando menor. “Tome, segure isso enquanto estiver mostrando os desenhos”, Helena lhe entregou um pincel decorado com o nome Valente. A menina não entendeu como um pincel poderia lhe ajudar naquele momento, mas confiou na única pessoa que verdadeiramente lhe cuidava.

Quando a professora chamou o seu nome, a menina sentiu as mãos suarem e as pernas ficarem bambas. Queria correr e gritar, mas ouviu a doce voz lhe chamar: “Vamos, Valente. Estou ao seu lado”. Seguiu, então, para a frente da sala, com o caderninho em uma mão e o pincel na outra. Entretanto, a menina não conseguiu olhar para os colegas ou falar qualquer coisa. Ouviu pequenas risadinhas e a voz da professora dizendo baixinho para que ficassem quietos. O pincel não estava ajudando em nada, era o que a menina pensava. “Valentina irá mostrar-lhes os seus desenhos”, ouviu Tia Helena falar. “Desenhos?”, questionou a professora. “Sim. Mostre a eles, Valente”. A menina então mostrou a todos os desenhos, porém não viu o olhar de surpresa de cada um, já que olhava sempre para baixo. No fundo da sala, Tia Marta observava a cena e pensava que aquilo era impossível, com certeza Helena havia feito todos aqueles desenhos. “Ora, como podemos saber se foi ela mesmo quem os fez?”, perguntou a senhora rabugenta. A menina começou a ficar nervosa, jamais acreditariam que ela havia feito os desenhos. Ouviu então a voz de Tia Helena: “Tens razão, não há como saber”. A menina ficou sem reação, não acreditava que a moça que ela imaginava como a sua fada estava dizendo aquilo. Helena prosseguiu: “É por isso que Valente irá desenhar aqui mesmo, para que todos vejam”. A menina ficou surpresa e olhou para trás, viu uma tela e tintas de várias cores que só poderiam ter surgido com mágica, pensava. Olhou para a moça e disse: “Tia Helena, eu não consigo”. Helena abaixou e disse-lhe: “Valente, esse pincel que eu lhe dei é mágico. Toda vez que usá-lo, criará um mundo apenas seu”. Valente, corajosa como era, começou a pintar. Pintou um novo mundo, com cores vivas e cheias de alegria. Enquanto pintava nada podia lhe afetar.

Sentia como se estivesse dentro da pintura, ainda que conseguisse ouvir as exclamações de surpresa que surgiam enquanto a pintura criava forma. Tia Marta não acreditava que a menina poderia ser tão talentosa assim, estava realmente surpresa. A Professora de Helena admirava o quanto perfeitos eram os traços que a menina criava na tela. Os coleguinhas acharam a pintura e os desenhos muito legais e pediam que a menina pintasse várias coisas: um super-herói, uma boneca, uma bola, “meu rosto, desenha meu rosto”, ouviu-se de um colega. Valente pintou por muito tempo. Os desenhos da menina pareciam ter vida nas telas de tão reais. Ela pensava no quanto tia Helena tinha sido boa ao lhe dar um pincel mágico. Helena, por sua vez, sorria sabendo que a magia estava nas mãos habilidosas da menina. Valentina ganhou o show de talentos, mas sua professora, tia Marta e os colegas ganharam algo muito importante também. Aprenderam que todos possuem qualidades e passaram a admirar a mais tímida criança que já haviam conhecido. Valentina reconheceu seu talento com as cores e formas. Corajosa como era, Valente seguiu desenhando e pintando com cores alegres e vivas, criando seu próprio mundo com o pincel mágico que Tia Helena havia-lhe dado. A moça que ela pensava ser sua fada, após um tempo, viu que a garotinha não precisava mais de seus cuidados e partiu, procurando outras crianças a quem ajudar. Valente, forte como era, seguiu criando um universo com as cores.



Por Amanda Ferreira

